



MUNDO-RUA:

conceito fotografado por crianças

*Regina Célia Frigério*¹
reginafrigerio@gmail.com

Resumo

Ao conhecer a Rua Darci Vargas, em São João de Meriti, Rio de Janeiro, reservada aos domingos e feriados para lazer, tentei compreender as vivências das crianças dali, na perspectiva da Geografia da Infância. As crianças, sujeitos desta pesquisa, me apresentaram suas transposições espaciais ultrapassando a delimitação da rua. Nos caminhos percorridos com a pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, utilizei fotografias feitas pelas crianças, como parte de suas narrativas. Fotografando, narrando e brincando, as crianças me mostraram como estabeleciam relações espaciais com lugares de vivências e como expandiam suas espacialidades em zonas de fronteiras, na construção de horizontes largos, capazes de conter o que apresento como mundo-rua. Neste trabalho, resgato conceitos de meu mestrado, ampliando compreensões e deixando emergir outra percepção espacial das crianças, que denomino como espaços periféricos. Como outros achados de pesquisa, aponto a relação da criança com o espaço, mediada principalmente por outras crianças, na brincadeira. As narrativas imagéticas e orais das crianças dizem que elas não vivem o espaço como área e sim como intensidade, como “lugar de criança”, promotor de desenvolvimento humano.

Palavras-chave

Fotografia, Mundo-rua, Lugar, Geografia da Infância.

EL MUNDO-CALLE: concepto fotografado por niños

Abstract

Al conocer la calle Darci Vargas en San Juan de Meriti, Rio de Janeiro, cerrada los domingos y feriados para promover los momentos de ocio, intente comprender las vivencias de los niños, en la perspectiva de la Geografía de la Infancia. Los niños sujetos de esta investigación, me presentaron sus trasposiciones de espacio ultrapasando los límites de la calle. En los caminos recorridos con la investigación cualitativa, de cunho etnográfico, utilicé fotografías hechas por ellos, como parte de sus narrativas. Fotografando, narrando y jugando, los niños me mostraron como establecían relaciones espaciales con lugares de experiencias y como expandían sus especialidades en zonas fronterizas, en la construcción de horizontes amplios, capaces de contener el mundo como yo lo presento en la calle. En este trabajo, rescato conceptos principales de mi Maestrado, ampliando surgen interpretaciones y dejando emergir diferentes percepciones espaciales de los niños. Como otros resultados de la investigación señalo la relación del niño con el espacio mediada principalmente por sus compañeros en el juego. Los relatos de las imágenes y las presentaciones orales dicen que ellos no viven el espacio como área y si como intensidad, como “el lugar del niño”, promotor del desarrollo humano.

¹ Professora assistente - Ensino de Geografia - na Universidade Federal Fluminense (UFF) - Campos de Goytacazes (RJ). Rua Oswaldo Tavares, 306/304. Campos dos Goytacazes (RJ). CEP 28015-190

Keywords

Fotografía, Mundo-Calle, Lugar, Geografía de la infancia.

Imagens de crianças feitas por adultos, em diferentes épocas, propiciaram bases para estudos (ARIÈS, 1981) sobre elas e sobre como eram tratadas pelas sociedades às quais pertenciam. Se essas imagens propiciaram tais estudos, nesta pesquisa serão as crianças produtoras e narradoras de imagens mostrando como leem e agem no mundo e nas sociedades onde vivem. Ainda que com mediação de um “outro”, serão suas vozes e seus olhares que revelarão suas relações espaciais.

As crianças, em diferentes épocas e sociedades, foram tratadas como seres incapazes de formular objetivamente uma leitura de mundo compatível com o que as sociedades entendem como realidade. De acordo com Silva et all (2002, p. 19).

[...] perduraram conceitos evolucionistas que confundiam as etapas de maturidade biológica e o desenvolvimento social, considerando toda e qualquer atividade da criança como importantes apenas à medida que forneciam indicações sobre a sua futura participação e integração no mundo dos adultos. O modelo de desenvolvimento infantil construído por Jean Piaget a partir da década de 20 é crucial para entendermos a formulação dessas ideias, uma vez que as influenciou e, simultaneamente, foi influenciado por elas.

Todavia, um novo paradigma se contrapõe à ideia de que as crianças são receptoras passivas da ação dos adultos no processo de socialização e busca resgatar a autonomia delas, crianças, através do discurso que elas enunciam (DELGADO E MÜLLER, 2005). Neste sentido, Borba (2006, p.3), enfatiza que estudos nessa concepção paradigmática

[...] vêm fornecendo valiosa contribuição para um redirecionamento do olhar sociológico e antropológico sobre a infância, focalizando as crianças-vistas como grupo social e atores sociais que constroem formas específicas de compreender e agir sobre o mundo, e não mais apenas nas instituições e nos adultos como agências socializadoras.

A concepção de infância, assumida neste trabalho, abraça essa perspectiva e se afasta da visão adultocêntrica, tentando romper com as visões tradicionais de criança como ser inacabado. Aproxima-se dos estudos da Sociologia e da Geografia da Infância, compreendendo as crianças como atores sociais, sujeitos produtores de cultura, seres ativos situados no tempo e no espaço.

Com base nessa concepção e estimulada pela balbúrdia alegre de uma rua de lazer, passei a pesquisar como as crianças se relacionavam com o espaço-rua, sem saber dos desdobramentos que encontraria.

“A rua estava compartimentada: os pequenos brincavam de motoca, um grupo de meninos maiores jogava futebol e os adultos estavam jogando vôlei. Os meninos pararam com o jogo e pegaram pipas. Quando as soltaram, elas se embaraçaram nos fios elétricos. Os adultos, que jogavam vôlei, correram para pegar as pipas, disputando-as com as crianças. Foi um correr-corre... As crianças ficaram, aparentemente, desesperadas e brigavam com os adultos (a briga não parecia séria, tinha ar de brincadeira, pelo menos por parte dos adultos). Mais tarde, um deles conseguiu tirar uma das pipas que ainda estava no fio e a entregou às crianças.

Quando os maiores deixaram o vôlei, as crianças pararam de brincar [...]. ”

(Nota de campo: 14 de setembro de 2008)

Neste estudo, a rua assume o caráter de espaço de aprendizagens a partir de trocas entre os indivíduos, que a frequentam como lugar. Como espaço, torna-se lugar quando nela acontecem encontros, com diferentes sujeitos, e nas brincadeiras com outras crianças. No caso da rua de estudo, isso se acentua nos dias de feriados e nos domingos, quando, com autorização da Prefeitura do município, a rua é reservada para lazer.

Querendo entender as construções espaciais elaboradas pelas crianças, solicitei a algumas delas - que passaram a constituir meu universo de pesquisa - que produzissem fotografias, feitas em dois momentos. No primeiro momento, elas me mostrariam os lugares da rua que mais gostavam e, no segundo momento, fotografariam os lugares que menos gostavam. Considerei a palavra gostar como elo discursivo entre o conceito de lugar e a produção da fotografia, entendendo que a criança narraria, por meio das imagens produzidas da/na rua, suas experiências com/no lugar, revelando suas vivências. Vale destacar que, neste artigo, dou ênfase aos achados de campo, a partir das fotografias dos lugares da rua que essas crianças mais gostavam.

Provocar as crianças a falarem da rua como mundo, com a fotografia, significa dar autoridade às suas vozes e, também, acreditar na autoria que exercem na vida. É desvencilhar as crianças da compreensão, comum na sociedade, que as considera indivíduos incompletos. Implica entendê-las como sujeitos que leem e que buscam compreender o mundo, onde se desenvolvem e onde constroem formas de agir, na relação com outras crianças e, também, com adultos.

Sendo assim, a fotografia se tornou recurso de voz das crianças, compactuando com Dubois (2006, p. 15), que afirma:

[...] com a fotografia não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. A foto não é apenas uma imagem (produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que a anima [...].

As formas como as crianças veem a rua e as formas como registram essas suas vivências (incluindo aí as fotografias produzidas, assim como suas falas, silêncios, expressões...) representam uma rica possibilidade de estudo sobre os lugares de crianças.

As crianças me apresentaram a Rua Darci Vargas, no bairro Vila Rosali, em São João de Meriti, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, como parte do mundo que elas vivenciavam cotidianamente. Esta rua, que era como qualquer outra rua de tantos outros locais, assumiu uma identidade de lugar, tal como esta categoria é estudada por Carlos (1996, p.20), que afirma:

O LUGAR é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante – identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local.

Aquela rua passou a ser entendida como um lugar onde a vida acontece, onde as pessoas, com seus diferentes modos de uso, vivenciam o espaço, como pergunta e como resposta que Carlos (1996, p.20) enuncia:

Como o homem percebe o mundo? É através de seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é porção do espaço apropriável – apropriada através do corpo- dos sentidos- dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]

Para compreender esses lugares de crianças, na Rua Darci Vargas, parti para observar rotinas vividas por elas ali, neste lugar do mundo, apresentado no mapa seguinte:



Figura 02: Mapa – Localização da Área em Estudo
Fontes de Pesquisas: CIDE-RJ; IPHB; 2010
Organizado por GIRARDI, G.; FERREIRA, R. 2010

Diferentemente de outros espaços de pesquisa, que necessitam de autorização para inserção no campo, a rua, por ser um espaço não institucionalizado, encontra(va)-se aberta, disponível para responder às perguntas que levei até ela e que ela

me provocou, dentre as quais destaco: Que leituras de mundo-rua aparecem nas fotografias feitas por crianças?

A apresentação das crianças, participantes desse trabalho, é primordial para tentar compreender suas leituras. Elas mesmas se fotografaram² entre si e comigo, assumindo-se como parte do mundo que prometiam mostrar. Apenas uma, das seis crianças participantes da pesquisa, não teve sua imagem posta em cena.



Figura 03: Os pequenos fotógrafos³.
Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora

² As crianças não serão identificadas por nomes. As suas fotos foram autorizadas para a pesquisa por seus responsáveis.

³ Expressão aplicada aos pequenos que participaram da pesquisa produzindo imagens dos lugares que mais gostavam e que menos gostavam da rua. Os créditos das fotos serão identificados por esta denominação, embora as fotos tenham se tornado arquivo da pesquisadora, conforme autorização concedida.

A escolha do cenário, onde foram fotografadas, foi de cada uma delas e como não houve sugestão que se fotografassem, é possível entender que se assumiram como autoras, creditando a si mesmas esta identidade, inserindo-se em espaços que compõem seu mundo como lugar de vivência.

Durante o período em que estava em campo, o ato de fotografar era individual, uma criança de cada vez. A criança, autorizada pelo responsável, saía comigo pela rua. Simultaneamente à sua produção de imagem, conversávamos e eu registrava sua narrativa. Em outros momentos, algumas crianças saíam correndo, fotografando seguidamente diferentes aspectos da rua. Então, só depois, quando ela estava disposta a conversar, eu retomava o diálogo. Assim, cada criança realizou o campo como se sentiu mais livre para fazê-lo: com diálogos simultâneos ao ato de produzir cada imagem ou após uma sequência de fotografias. Resgato de Freitas et al (2006, p. 45) uma expressão clara, na qual me baseei para (re)definir a dinâmica de nossos encontros:

O lugar e o tempo do pesquisador, do membro do grupo de pesquisa e da câmera, marcam não apenas modos diversos do funcionamento do grupo, como também ajudam a selecionar, dirigir e registrar sentimentos, atitudes e comportamentos dos sujeitos na pesquisa.

A capacidade de reproduzir objetos, lugares, paisagens, pessoas e uma variedade imensa do mundo, na perspectiva de quem realiza a fotografia, faz deste recurso um instrumento de registro e de documentação do espaço e do tempo em que é produzido. A potência da câmara fotográfica no registro do mundo, por quem a manipula, empresta-lhe um poder de sedução: não apenas amplia a capacidade de ver, como dá voz ao sujeito fotógrafo. O olhar seleciona, recorta, registra ângulos, planos e tomadas, que se tornam imagens a serem compartilhadas com outros olhares. Como Flusser (2002) anuncia em seus estudos, as fotografias são conceitos transformados em imagens. Com as fotografias produzidas pelas crianças, pequenos fotógrafos, torna-se possível - ao mesmo tempo - enxergar a rua por si mesmo e pelos olhos das crianças. A interpretação do que se considera real passa, por conseguinte, por dois filtros: a perspectiva do fotógrafo e de quem lê a foto.

Entre o olhar e a lente da câmera, atuam filtros culturais, profundamente ligados à história de vida do fotógrafo, amador ou profissional. Essa consideração é coerente com o que preconiza Rossoni (2004, p. 108):

A fotografia como uma técnica de apresentação da realidade, apesar de, diferentemente da pintura, desenhar-se a si mesma, não dispensou a regência de um artista para comandar o processo de criação com o objetivo que tinha em

mente, que é o de obter uma representação visual de fragmentos do mundo natural. Ela não dispensou o artista que transforma seus conceitos em imagens.

O registro fotográfico da rua, por crianças, não apenas permite ler suas noções de espacialidade, mas favorece a percepção do seu sentimento de pertencer ao recorte temporal que realiza na fotografia. Mesmo que não perceba, explicitamente, assim o faz. Em Sontag (2004, p. 14), encontrei ressonância a esta minha compreensão: “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento [...]”

Acredito que ler o mundo por meio de fotografias, torna o sujeito leitor, também, um autor do que vê. Daí que, explicar a fotografia é tarefa inglória. A opção de “ouvi-la” como narrativa das crianças, graças aos diálogos que mantínhamos, pareceu-me mais rica e mais complexa: os olhos continuavam a “ver” as fotos... As imagens do entorno, comparadas às fotografias, somadas às falas, risadas, silêncios, tensões, frases soltas e conversas em borbotões, me forneceram pistas para formulação dos conceitos que buscam encontros com as espacializações vivenciadas pelas crianças.

Como a cidade concede espaços que se tornam lugares para crianças? Que construções espaciais acontecem no apertado de calçadas limitadas por carros e meios-fios, por portões, portas, paredes e muros? Que horizontes contornam improvisados lugares de brincar quando a rua vira mundo para isto? Como essas espacialidades criam leituras do mundo de hoje para o amanhã das crianças? Que ensaios são feitos por crianças e por que elas veem atores e lugares como significativos para suas vidas?

Expor tudo isto a novos leitores é puro desafio. É provocação de ver o mundo pelas lentes de crianças, em culturas e sentimentos, que nem sempre são compreendidas no imediato, como na sequência seguinte, onde o brincar se expõe na rua, mundo de vivência destes pequenos fotógrafos.



Figura 4: Domingo - Brincadeiras na rua fechada.
Créditos: Pesquisadora. Arquivo da pesquisadora.

Como reservar a rua ao lazer, em dias de domingos e feriados, com a autorização da prefeitura, não é exclusividade da Rua Darci Vargas, não é difícil encontrarmos, em outras ruas do mesmo município, placas expostas nos postes de energia elétrica, avisando sobre seu fechamento ao trânsito de carros, naqueles dias. Em alguns casos, a rua é fechada sem nenhuma comunicação e, até mesmo, sem autorização. Esse movimento dos moradores mostra a cidade e a rua como espaços sociais, pois a autorização da prefeitura é emaranhada a uma história de organização da sociedade, em torno de anseios comuns,

Nesta direção, a cidade pode ser entendida, dialeticamente, enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais, enquanto produtoras da vida humana, no sentido amplo da reprodução da sociedade. Aqui a cidade se reafirma enquanto espaço social, na medida em que se trata da realização do ser social ao longo do processo histórico. Deste modo, análise da cidade, em sua dimensão espacial, se abre para a análise da vida humana em sua multiplicidade. (CARLOS, 2004, p.15)

Efetuar essas análises implica em entender que, ao longo do processo histórico, o espaço vai se construindo como um espaço social e que isso também nos constrói como humanos, pois nós, pessoas, não apenas estamos sobre o espaço, transitando por ele. Nós vivemos o espaço, com a espacialidade das relações sociais, com a temporalidade dos eventos de nossas vidas, no contato com os outros. Conforme Vigotski (2000, p.24) afirma: “Através dos outros nos constituímos”. Como somos muitos e sempre singulares, daí tanta diversidade, tanta multiplicidade, tantas similaridades e tantas diferenças.

Dentre novos estudos que apostam nessa perspectiva, vale destacar o trabalho de Lopes (2007, p.52), que aponta a importância do espaço na formação do sujeito:

[...] espaços são formadores de subjetividade. Não é possível constituirmo-nos como humanos se não estamos situados em espaços-tempos, de onde, dialeticamente vamos nos geografizando-nos. É um processo que se inicia com nossa entrada no mundo (no nascimento ou antes dele?), quando nos colocamos nos diferentes colos/lugares que nos são oferecidos, no seio da mãe, no colo da avó e do avô, de um amigo; quando engatinhamos pelos cantos da casa; quando exploramos o universo de uma escola, de uma rua, da cidade. Existe, portanto, um contínuo movimento entre espaço, sociedade e sujeitos, que faz com que nossa geografia esteja preta de espaços, de territórios e de lugares, que nos formaram e formam e que carregamos para o resto da vida.

Nessa perspectiva, o espaço deixa de ser visto como “palco” e passa a ser entendido como elemento da composição do humano.

Conceber o espaço como interação produtiva significa concebê-lo como intensidade e possibilidades, pois as crianças”, [afirmo que também os adultos] “não estão simplesmente passando pelo espaço, elas são o próprio espaço, pois se forjamos nossa humanidade numa dimensão cultural, o espaço também o é. (LOPES, 2009, p. 15)

Portanto, examinar a rua para além de sua finalidade como via de passagem, é compreender esse espaço como interação produtiva, de intensidade e possibilidades. O que é planejado em escritórios fechados por aqueles “[...] diferentes agentes produtores do espaço e destinadas para os seus diferentes ocupantes, são rabiscadas, recortadas e redesenhadas e novos planos de ocupação são abertos.” (LOPES, 2009, p. 11), resulta em novas funções para o espaço.

Dessa forma, os moradores da Rua Darci Vargas estão a (re)construir, infindavelmente, seu espaço de vivência e dão novos sentidos e significados à vida, mesmo em dias e horários em que a rua não é fechada. Suas crianças mostraram sua participação nesta prática através da fotografia.

Mundo-rua

O mundo-rua não se contém na materialidade, extrapola dimensões reais para tamanhos e formas imaginários, concedendo às crianças uma infinidade espacial, para além de muros, de esquinas, de ladeiras, de casas, de outras ruas que tentam tornar invisível, que elas espreitam em imagens de livros, televisão e outros artefatos, que inventam e criam como um mundo maior.

Por entenderem o mundo a partir da rua, com limites estabelecidos por adultos, que permitem ou não, irem até onde desejam, estabelecem ali seus lugares de vivência, pelo conhecimento de seus cantos e recantos, dos seus pedaços e do seu todo, com tudo que podem gostar ou não, na parceria da vivência espacial com amigos. Dali ampliam limites imediatos, determinados por adultos, para mais além (zonas de fronteiras), onde começam outros espaços que querem conhecer e viver.

O mundo-rua é, assim, composto por lugares de vivências e zonas de fronteiras. Pode ser entendido, resumidamente, como os lugares da rua, onde a criança mora, ou não, com suas informações, nos quais, os pequenos se envolvem e desenvolvem afetos que lhes permitem criar sua concepção de vida e de viver.

Lugares de Vivências

Essa categoria, como parte do conceito mundo-rua, se firmou ao longo da pesquisa. Circunscrevia-se ao espaço imediato mais cotidiano da vida dos pequenos fotógrafos. Eles o registravam com liberdade, na Rua Darci Vargas, em especial no trecho autorizado para fechamento ao trânsito: era o espaço familiar, liberado para brincadeiras e andanças, encontros com crianças e adultos com quem se relacionavam (pais, tios, primos, vizinho e amigos, mesmo vindos de outras ruas).



Figura 05: Lugares de Vivências- Encontro com os outros pequenos.
Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora

Assim, o conceito de alteridade, discutido por Bakhtin (2003) colabora com a compreensão da importância do espaço mediado pelo outro na construção da subjetividade, pois é “(...) no sentido de que tenho de passar pela consciência do outro para me constituir (...)” (FARACO, 2007, p. 43), que “Essa alteridade é definida

essencialmente na infância pelos usos das linguagens, entendemos aqui a brincadeira como legítima linguagem infantil de significação do mundo e as práticas de brincadeiras como práticas culturais infantis”. (CARVALHO, 2008, p.3)

Essas crianças mostram os significados e os sentidos são dados ao espaço, não apenas pelos usos que fazem dele através do corpo materializado, como também pelas relações sociais ali estabelecidas. Então, é importante lembrar que, para Vigotski (2007, p. 24)

(...) o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. Não vemos simplesmente algo redondo e preto com dois ponteiros; vemos um relógio e podemos distinguir um ponteiro do outro. (...) Essas observações sugerem que toda percepção humana consiste em percepções categorizadas em vez de isoladas.

Não apenas através da fala com imagens, mas desde as primeiras entrevistas, as crianças apontam como significativa o trinômio: espaço – amigos - brincadeiras. As crianças que brincam na rua expõem suas formas de (vi) verem a rua:

Criança: tia, a rua tem muita brincadeira: Pique pega, pique – esconde, Pique-gelo.
Pesquisadora: pique-gelo eu não conheço.
Criança: é assim: Cê fica parado assim, aí se alguém colar. Ele fica.
[...] Outra criança: Pique-garrafa é assim: Tem que se esconder e na hora de bater tem que chutar a garrafa.
Pesquisadora: AH, tem uma garrafa na brincadeira?
Coletivo: tem um garrafão.
Pesquisadora: e é garrafa de quê?
Outra criança: garrafa pet.
Pesquisadora: Existe mais alguma brincadeira?
Criança: pique- esconde, tem que encontrar e depois procurar...
Outra criança: tem pique-parede.
Outra criança: e também tia, tem mamãe na rua.
Criança: é assim mamãe na rua.
Tumultos. Todos mostram ao mesmo tempo.[...]
Criança: tem muita brincadeira.
Pesquisadora: Muitas? Eu preciso saber quais são!
Um após outro com explicações simultâneas: futebol, vôlei, queimada, Futevôlei, Handebol, é assim. (explicações tumultuadas...)

(Entrevista coletiva: 25 de outubro de 2008)

As crianças deram mais destaque, em suas fotografias e falas, aos colegas e às brincadeiras nos lugares onde elas mais aconteciam. Fotografando os lugares que mais e que menos gostavam, as crianças mostraram seus vínculos com o espaço - mais ligados às relações sociais estabelecidas no lugar. Desvelaram, assim, o que compreendi como lugares de vivências: espaços da rua onde moravam e que percorriam, interagindo com outras crianças a partir da brincadeira, autorizados ou não pelos adultos. Representaram, através das fotografias, os espaços das ruas onde vivem seus códigos de cultura de crianças, assumindo-se como atores partícipes do mundo-rua.

Vasconcellos (2005, p.107) afirma que “brincar é romper com a realidade e instaurar um novo domínio: o da brincadeira”. Para valorizar o brincar, é necessário compreender esse domínio e, nesse sentido, a primeira característica do brincar, como algo sério e oposto ao real, é apresentada por Vasconcellos (2005) como situação de difícil entendimento pelos adultos, mas claramente expresso pelas crianças que sabem distinguir quando a própria brincadeira apresenta um sentido real.



Figura 06: No MUNDO-RUA, Lugares de vivências: brincadeiras com bolinha de gude. Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora.



Figura 07: No MUNDO-RUA, Lugares de vivências: brincadeiras com jogos de cartas e casinha. Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo autora.

É assim que o lugar mundo-rua é entendido: a partir da interação produtiva, não como extensão, mas como intensidade, como possibilidade. Aqui, as palavras de Lopes (2010, p. 15-16) são necessárias, pois:

Nosso processo de desenvolvimento humano não ocorre sobre espaço como forma de um viajante solitário, como uma trajetória, o que faz com que o espaço não se constitua em meros níveis a serem alçados no processo de desenvolvimento, como superfície a ser percorrida na trajetória da humanização, que se alarga na medida em que alarga nossas possibilidades de agir, como se não houvesse histórias e geografias antes de nossa história pessoal.

Assim no centro, nas bordas, nos cantos do mundo-rua, estão as crianças, em seus lugares de vivências, mas não sozinhas. Estão com outras crianças e com adultos, realizando experiências constantes de humanização, que tem como dimensão maior o ato humano do brincar.

Zonas de Fronteiras

Iniciei a investigação imaginando que o campo de pesquisa seria restrito aos limites estabelecidos pela rua fechada ao trânsito, aos domingos e feriados. Muitas vezes, as próprias crianças fechavam a rua, nos horários destinados a isso. Porém, várias mudanças aconteceram no decorrer do trabalho.

A alteração que mais me surpreendeu e que me fez mergulhar em uma análise inesperada aconteceu quando as crianças ultrapassaram o limite do espaço físico estabelecido como lócus da pesquisa. As crianças me solicitaram fotografar outros

lugares – justificando seu desejo com argumentos variados, mas o principal deles era o fato de, também, brincarem em outras ruas.

Dentre as seis crianças que participaram da pesquisa fotografando, quatro delas, após produzirem imagens da Rua Darci Vargas para apresentarem lugares que mais gostavam, me solicitaram fotografar outras ruas, argumentando a existência de lugares que gostavam muito, pois eram lugares onde brincavam com amigos. A liberdade que algumas delas têm para se locomover no bairro, associada a múltiplas mudanças de residências no mesmo bairro, resulta em grande número de amigos e conhecidos em outras tantas ruas ou espaços de lazer.

Ainda surpresa com esta nova perspectiva apontada pelas próprias crianças, aprendi que ao brincarem realizam interações sociais que necessitam de apropriações de outros espaços (no caso, para além do trecho fechado da rua), e, por isto, remeti-me a um outro conceito, realizando um diálogo com Valladares (2010, p. 105), considerando que zonas de fronteiras

“[...] São lugares, onde presenciamos propostas de movimentos que nos arrastam de um lugar para outro. Zonas de fronteiras são espaçostempos nos quais nos transformamos em moradores, em estrangeiros, em nômades, em transeuntes. Nelas nos permitimos pertencer ora a um lado, ora a outro.”

Saindo de sua rua e circulando pelo bairro, as crianças realizam um movimento de expansão de seus espaços, lugares e territórios, interceptando vivências e possibilidades de vivências em fluxos que desenham zonas de fronteiras: saem de sua rua de origem, realizam interações sociais em outros lugares e depois retornam à rua do cotidiano vivido, com novas aprendizagens feitas em exercícios de afetos e poderes, experiências e vivências. Entre o ir e vir, o que está no centro dos interesses não é outra busca senão aquela pelas condições de estar com o outro, mediado principalmente pela brincadeira.

Considerarei, também que, diferentemente das zonas de fronteiras desenhadas, ampliadas e movimentadas pelas crianças, havia outros espaços com os quais elas não se integravam, circulando por eles apenas como espaços físicos entrepostos ao longo de suas andanças. Esses espaços entremeavam-se às zonas de fronteiras e aos espaços de vivências, onde diferentes razões impedem que interações sociais sejam estabelecidas pelas crianças. A esses lugares denominei espaços periféricos⁴.

⁴ Espaços periféricos - o tema será ampliado em trabalho que se encontra no prelo.

Nas zonas de fronteiras do mundo-rua, lugares de entrecruzamento de populações e de culturas infantis vizinhas, trocas acontecem, imprimindo a esses lugares a característica de espaços-tempo de aprendizagens. Grande parte das aprendizagens acontece no e por meio das brincadeiras. Elas são prazerosas e, segundo as crianças da pesquisa, tornam os espaços onde acontecem em lugares queridos: então registraram onde brincavam de casinha, pique-garrafa, boneca e outras brincadeiras.



Figura 08: Rua José Cabral como Zonas de Fronteira. Brincadeira: Bonecas e casinha.
Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora

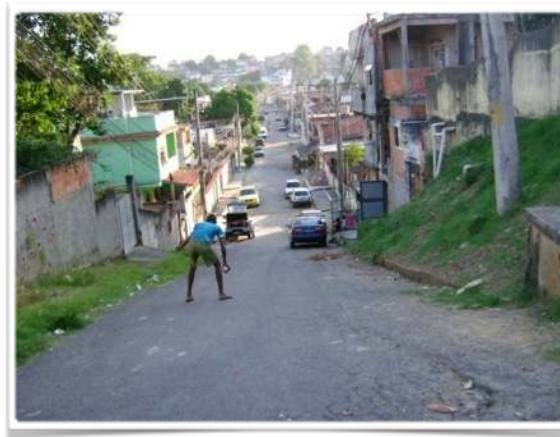


Figura 09: Rua João Cândido como Zonas de fronteiras. Brincadeira: Soltar pipas.
Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora.



Figura 10: Rua Waldir Correia Leal, como Zona de Fronteira. Brincadeira “Meus pintinhos venham cá”. Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora.



Figura 11 - Rua José Cabral como Zonas de Fronteira. Brincadeira: Pique garrafa. Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora

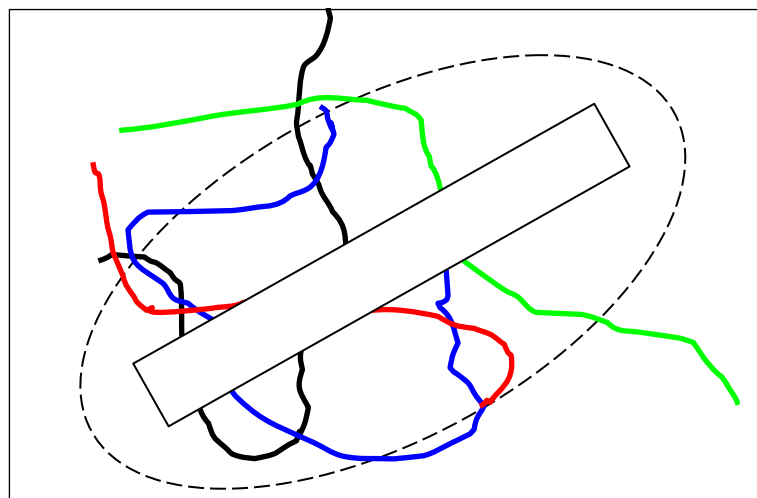


Figura 12: Rua Antônio Alexandre de Oliveira como Zona de Fronteira. Brincadeira de futebol. Créditos: Pequenos Fotógrafos. Arquivo da autora.

Os lugares marcados “oficialmente” pelo mundo adulto, seja pelo fechamento das ruas, seja pela proposta da pesquisadora em delimitar os horários e o local, não suportaram a vivência humana no espaço, os limites e as fronteiras de espaço e de tempo iniciais dessa pesquisa, não cabem ser e estar dessas crianças aí, que constroem novos mapas, além de nossa lógica adultocêntrica.

Mapas difíceis de serem representados, uma vez que a cartografia clássica eliminou de suas legendas, os movimentos; presentes apenas na forma de fluxos lineares, circulares e pouco dinâmicos.

Como seria um mapa dessa situação? Arrisco-me a tentar traçar...



Legenda:




Símbolo	Significado
	Delimitação da rua reservada: lugares de vivências
	Zonas de fronteiras
	Ações das Crianças no Mundo-Rua (vão além do espaço tempo fixo/presença do movimento)

Figura 13: Esquema representando movimentos das crianças no mundo-rua.

Essas crianças, devido a diferentes situações familiares, realizam um movimento migratório diário ou sazonal em suas vidas: estudam em pontos diferentes do bairro, em escolas públicas; ficam com tias, avós, amigas da família durante a jornada de trabalho de seus responsáveis; mudam de residência por morarem em casas alugadas... Aproximam-se, por isto, das características apontadas por Lopes (2003), em seus estudos com crianças migrantes e mudantes (nova categoria encontrada por ele), nos quais

crianças mostram que não compreendem o espaço como linearidade. Por se deslocarem entre espaços “[...] constroem diferentes percepções dessas dimensões. Suas falas e desenhos dividem-se entre os diversos pontos por onde passaram [...]”(LOPES, 2003, p. 153),

Essas crianças mostram que:

[...] se o horizonte de espacialidade da criança se expande, à medida que ela cresce, isso não significa uma linearidade em direção a uma escala maior, pois as interações com o espaço são elaboradas através de vivências significativas, onde o contato com o outro se faz presente e não apenas como um conjunto de etapas a serem vencidas [...] (LOPES, 2003, p. 155 - 156).

Quando delimitar, no projeto de pesquisa, o trecho a ser estudado, estabeleci fronteiras de acordo com a concepção tornada cotidiana: a noção como um espaço com limites físicos precisos, claramente estabelecidos e demarcados.

Nesse contexto, mesmo que eu tenha realizado algumas intervenções como pesquisadora, as fronteiras da pesquisa foram construídas pelas crianças, que me apresentaram o mundo-rua bem maior do que o esperado inicialmente. Trata-se de um lugar onde limites, impostos por outros, inexistem. É espaço de encontros constantes, onde acontecem trocas, onde se elaboram construções de culturas próprias da infância - por isso as brincadeiras e os amigos ampliaram os espaços a serem representados pela fotografia.

Essa outra forma de vivenciar o espaço, trazido pelas crianças, entra em concordância com o conceito formulado por Valladares (2009), que trabalha o termo “zonas de fronteiras”, como mais que local de separação. Discutindo as zonas de fronteiras na formação docente, considera tais dimensões como lugares de “trocas de conhecimentos, propiciando frequentes mudanças nos indivíduos e nos grupos, sendo por isso propícia a novos rumos a seguir por seus transeuntes”. (VALLADARES, 2009, p. 106)

Apliquei essa compreensão à lógica das crianças da Rua Darci Vargas, em seu desejo de fotografar outras ruas, o parquinho, a escola onde estudavam, mostrando a amplitude de suas interações sociais, burlando a ideia inicial de fronteira como limite finito. Entre a limitação de ir além e a amplitude do movimento, as crianças se desembaraçavam de linhas, de marcas territoriais, criando novas formas de esparramar suas vivências em zonas de compartilhamento, onde possibilidades de espaço de comunhão e lugares, fontes de desenvolvimento humano, desdobravam mudanças em seus mundos, como sujeitos em formação.

Ao realizarem suas experiências nas zonas de fronteiras, essas crianças constroem novos lugares de crianças em que não se considera a extensão espacial percorrida, ultrapassando limites que não podem ser reconhecidos por elas, como por exemplo, o limite da rua fechada ao tráfego e reservada para as brincadeiras.

É o “outro”, criança ou adulto, quem provoca condições de passagem do limite da rua fechada para as novas possibilidades de vivências nas zonas de fronteiras, estimulando escolhas dos novos lugares de interações sociais.

Por isso, as crianças fotografaram os lugares que mais gostavam das zonas de fronteiras, como outras ruas, a escola, o parquinho, enfim, os lugares que interligados pela presença do outro e pela brincadeira constituem o mundo-rua.

Mais uma vez, as crianças mostraram, através de suas falas-fotografias, que a afetividade pelo espaço não está ligada, diretamente, pelo percorrer de seu corpo simplesmente e que suas noções espaciais não estão amarradas apenas ao seu desenvolvimento biológico, dividido em etapas, mas por suas interações sociais ali estabelecidas com o outro através, principalmente, da brincadeira.

Em um grandioso processo de parceria, as crianças fotografaram e falaram com a fotografia, contando-me como brincavam - e brincaram enquanto me contavam sobre as brincadeiras. Fizem-me andar, andar e andar... Fiz esforços para não me render ao cansaço, pois não havia energia que bastasse para acompanhar o ritmo tocado por aquelas crianças ao percorrerem ruas onde brincavam, ao me levarem ao parquinho, ao subirem e descerem morros e ladeiras, visitando escola e experimentando lugares onde, em suas vidinhas já haviam dividido andanças, vivências, moradias, visitas, acontecimentos com ‘outros’...

Os motivos que levaram as crianças a produzir fotografias permaneceram: o outro (crianças e sujeitos maiores) e brincadeiras. Entrelaçando essas duas categorias, fotografaram lugares e territórios onde efetuavam trocas de (des)afetos e de poderes (exercidos e submetidos), onde fluxos eram expressos como movimentos e tempos de suas histórias e onde as brincadeiras traduziam aprendizagens, com o outro...

A presença dessas crianças nos lugares de vivências da rua, nas zonas de fronteiras e nos espaços periféricos depende da permissão para circulação ou da capacidade de transgressão da criança às ordens familiares estabelecidas. A influência da vivência nesses diferentes espaços sobre a formação da criança permite afirmar que a relação da criança com o espaço elabora uma integração socializadora, favorecendo a elaboração de mapas imagéticos, traduzidos (neste caso) em fotografias que expressam uma categorização de sua relação com o espaço geográfico.

À medida que cada criança me falava de outras ruas por onde andava, era possível retomar a construção do conceito de mundo-rua, entendendo que não apenas a rua onde morava (lugar de vivência), mas também outras tantas ruas faziam parte de seu mundo de possibilidades infantis.

E nessas possibilidades residem as imagens que enlaçam a tessitura de seus sonhos infantis, cujos mapas serão tracejados numa cartografia feita pela mediação do espaço mundo que criamos, como sujeitos indivíduos e como sujeitos de sociedades para nossas crianças...

Referências

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- AMORIN, C. C. Os Lugares da infância: a infância e seus lugares. In: **Reflexões sobre infância e Cultura**. Niterói: EDUFF, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORBA, A. M. **As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar**: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6anos. Caxambu: ANPED, 2006.
- CARLOS, A. F. A. Uma leitura sobre a cidade. In: **CIDADES: Revista Científica/ Grupo de Estudos Urbanos**, Presidente Prudente, v. 1, n. 1, 2004.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- CARVALHO, L. D. Ninguém presta atenção no que a gente gosta de fazer: a criança que brinca no bairro Taquaril. In: GRUPECI: Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias - Tendências e desafios contemporâneos. 1., 2008, [S. l]. **Anais...** [S. l]: 2008.
- DELGADO, A.C. C.; MÜLLER, F. Abordagens Etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas. In: Reunião Anual da ANPED. 28., 2005, CAXAMBU. **Anais...** Caxambu, 2005.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 2006.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 82 p.
- FARACO, C. A. **Bakhtin**: Conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREITAS, M. T.; KRAMER, S.; SOUZA, S. J. **Ciências humanas e pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2006.
- LOPES, J. J. M. Geografia das crianças, geografia da infância. In: REDIN, E; MÜLLER, F. ; REDIN, M.M. organizadores. **Infâncias**: Cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- _____. **Então Somos “Mudantes”**. [2003?]. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.
- _____. A criança e sua condição geográfica O Social em questão. **Infância**: construções contemporâneas. Rio de Janeiro, ano 20, n. 21, 2009.
- _____. O ser e estar no mundo: A criança e sua experiência espacial. In: LOPES, J. J. M; MELLO, M. B. (orgs). **“O jeito que nós crianças pensamos certas coisas”**: Dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2010.
- _____. **Produção do território brasileiro e produção dos territórios de infância**: Por onde andam nossas crianças?. [2007]. Projeto de pesquisa, Niterói, PROPPI- UFF, 2007.

- ROSSONI, R. **Fotografia e construção de identidade de crianças do MST**: o sentido vivido a partir de uma prática educativa. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **“As marcas do tempo**: a interculturalidade nas culturas da infância”. Projeto POCTI/CED/49186/2002. [S.l.: s. n.], 2005.
- SILVA, A. L. da, et al. (Orgs.) Crianças Indígenas. **Ensaaios Antropológicos**. São Paulo: Global. 2002.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VALLADARES, M. T. R. V. **Vivências em zonas de fronteiras...** Narrativas se fazem travessias... (Um estudo com narrativas e com os cotidianos no estágio curricular da licenciatura de geografia na UFES). [2009]. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2009.
- VASCONCELLOS, T. **Criança do lugar e lugar de criança**: territorialidades infantis no noroeste fluminense. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- VIGOTSKI, L. S. MANUSCRITO DE 1929. **Revista Educação e Sociedade**, [S. l], ano 21, n. 71, jul. 2000.
- _____. **A formação social da Mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 08 de agosto de 2013.

Aceito para publicação em 21 de dezembro de 2013.